

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**MÍDIA, CIÊNCIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE:
UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS DE SAÚDE NO CENÁRIO DE PUBLICAÇÃO DAS
LEIS nº 8.080/90 e nº 8.142/90**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marlene Neves Strey.

ELIANE CADONÁ

Prof.^a. Dr.^a. Marlene Neves Strey

Orientadora

Porto Alegre, agosto de 2015.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

ELIANE CADONÁ

**MÍDIA, CIÊNCIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE:
UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS DE SAÚDE NO CENÁRIO DE PUBLICAÇÃO DAS
LEIS nº 8.080/90 e nº 8.142/90**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marlene Neves Strey (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Colling (UFGD)

Prof.^a Dr.^a Inês Hennigen (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Mary Jane Paris Spink (PUCSP)

C125m

Cadoná, Eliane

Mídia, ciência e produção de subjetividade: uma análise dos sentidos de saúde no cenário de publicação das leis nº 8.080/90 e nº 8.142/90. / Eliane Cadoná. – Porto Alegre, 2015.

181 f.

Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Faculdade de Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marlene Neves Strey

1. Psicologia Social. 2. Saúde Coletiva. 3. Saúde Pública. 4. Construcionismo Social. I. Strey, Marlene Neves Strey. II. Título.

CDD 301.1

Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494

Resumo

Nesta tese, objetivamos compreender os sentidos produzidos sobre saúde na mídia impressa e em periódicos científicos, no cenário de publicação das Leis Orgânicas da Saúde, na ideia de articular contextos linguísticos e histórico-políticos e evidenciar condições que possibilitaram a constituição de verdades e práticas naquele momento. Tal cenário era marcado por peculiaridades contraditórias, em que uma política neoliberal era mote de efetivação de uma nova Constituição, pautada pela participação. Garimpar sentidos no campo da saúde nesse momento da história brasileira implica compreender os modos de articulação da existência nos cenários sociopolíticos daquele momento. Para responder aos objetivos da pesquisa, constituímos a mesma em três etapas, o que gerou a formulação de três artigos. Ressaltamos que as bases teóricas utilizadas neste estudo foram aquelas inspiradas nas perspectivas adotadas pelo Construcionismo Social. No primeiro estudo, intitulado *Construcionismo Social na Atenção Básica: Uma Revisão Integrativa* propomos a análise de artigos científicos, com fins de investigar como autores/as que se apoiam no Construcionismo Social definem saúde na Atenção Básica. Esse processo de estudo evidenciou a relevância da noção de responsabilidade compartilhada nos sentidos de saúde produzidos nos textos analisados. Os/as autores/as destes materiais afirmam que é possível ampliar as práticas em saúde para uma ação coletiva que possibilite o contínuo diálogo entre usuários/as e trabalhadores/as da saúde. Destacamos ainda, no estudo, a crítica à predominância do discurso biomédico, promotor de práticas coladas a lógicas de atenção centralizadas na doença. No segundo estudo, intitulado *Conceitos de Saúde e Cuidado na Mídia Impressa Brasileira: Uma Análise do Ano de 1990 sob a Perspectiva do Jornal Zero Hora* problematizamos sentidos de saúde e cuidado produzidos na mídia impressa, por intermédio do estudo das práticas discursivas. O corpus da pesquisa constituiu-se na análise dos jornais Zero Hora de publicação diária, veiculados ao longo do ano de 1990. Ao todo, foram analisados 365 jornais. Com este estudo, foi possível evidenciar que estavam postas, nos jornais, lógicas de um período da história nacional fortemente marcado por conceitos de saúde ligados à ausência de doença, e a práticas de cuidado atreladas a medidas de controle populacional. Percebemos que o/a cidadão/a brasileiro/a já cultuava, no ano de 1990, uma perspectiva de cunho preventivista e práticas de cuidado muito mais preocupadas com os interesses da classe dominante do que com a saúde da população como um todo, com ideais atentos a particularidades e contextos definidos pela lógica do mercado. O Jornal Zero Hora, em meio a esse cenário, assume o papel de (re)produtor de um modelo de cidadão/a atrelado/a ao neoliberalismo, dando ênfase à primazia dos serviços privados em saúde sobre os públicos e ao modelo hospitalocêntrico de atenção. No terceiro estudo, intitulado *Ciência e Produção de Sentidos: Uma Análise de Pesquisas Acadêmicas Brasileiras no Contexto de Publicação das Leis Orgânicas da Saúde* colocamos em análise sentidos sobre saúde compartilhados em produções científicas, publicadas no ano de 1990, no Brasil. Foram recuperados da Biblioteca Virtual em Saúde Brasil 34 artigos, submetidos à Análise de Discurso. A partir da constituição da análise, percebemos que os discursos produzidos nos estudos carregavam a lógica de que o conhecimento importado, provindo dos chamados *países industrializados*, deveria ser a regra a ser seguida no Brasil e que a realidade impressa nestes cenários serviria como modelo de inspiração para o mesmo. Evidenciou-se ainda a ênfase em pesquisas que salientavam a preocupação com a saúde física e com estudos experimentais, em contraponto com outros que problematizam conceitos e o modo como as práticas em saúde estavam sendo vivenciadas. A figura do/a médico/a é destacada, denunciando a contradição entre a legislação brasileira e as práticas em saúde daquele cenário, que justifica exercícios com ênfase na cura e no monopólio do saber. Ao relacionarmos os dados coletados nesta pesquisa, em geral,

evidenciamos noções de saúde atreladas à ausência de doença, ao culto à saúde física em detrimento da noção de integralidade, ao saber médico, à criação de categorias ligadas a um padrão de normalidade, à importação do conhecimento e à privatização da atenção. A insistência em trazer tais questões à tona, é porque acreditamos que é na micropolítica que podemos exercitar as revoluções diárias, com fins de almejar relações mais equitativas e comprometidas com a denúncia da estagnação.

Palavras-chave: Saúde; Ciência; Políticas Públicas; Construcionismo Social; Saúde Coletiva.

Abstract

In this thesis, we aimed to understand the meanings produced on health in the press and in scientific journals, in publishing scenario the Organic Health Law, the idea of linking linguistic contexts and historical-political show conditions that made possible the establishment of truths and practices that moment. Such a scenario was marked by contradictory peculiarities, in which a neoliberal policy was subject of a new constitution, guided by participation. Panning meaning in the health field at this moment in Brazilian history means understanding the articulation of modes of existence to the socio-political scenarios that moment. To answer the research objectives, we incorporated the same in three steps, which led to the formulation of three articles. We emphasize that the theoretical bases used in this study were those inspired by the perspectives adopted by Social Constructionism. In the first study, entitled *Social Constructionism in Basic Care: An Integrative Review* propose the analysis of scientific papers, with the purpose of investigating how authors who rely on Social Constructionism define health in Basic Care. The authors of these materials claim that it is possible to expand health practices for collective action that enables ongoing dialogue between users and health workers. We also point out, in the study, the criticism of the predominance of speech biomedical promoter glued to centralized logic of care practices in disease. In the second study, entitled *Concepts of Health Care in the Brazilian Print Media: An Analysis of the Year 1990 about the perspective the Newspapers Zero Hora* problematize health care senses and carefully produced in print through the study of discursive practices. The corpus of the research consisted the analysis of the newspapers Zero Hora daily publication onveyed along the year 1990. Altogether, 365 papers were analyzed. With this study, it was possible that they were put in the newspapers, logical a period of national history strongly marked by health concepts related to the absence of disease. And care practices linked to population control measures. We realize that the citizen, the Brazilian already worshiped, in 1990. A perspective the preventative brand and care practices, much more worried with the interests of the ruling class than with the health of the population as a whole, with pattern watchful to particulars and contexts defined by labor market logic. The newspaper Zero Hora, in the midst of this scenario, assumes the role of producer of a model citizen linked to neoliberalism, emphasizing the primacy of private health services on public, and hospital centered model of care. In the third study, entitled *Science and Production Meaning: An Analysis of Brazilian Academic Research in the Context of Publication of Organic Laws of Health*. We put under review meaning health analysis shared in scientific production, published in 1990, in Brazil. They were recovered from the Virtual Health Library Brazil 34 articles, submitted to Discourse Analysis. From the analysis of the constitution, we realize that the speeches made in the studies carried the logic that knowledge imported, stemming the so-called *industrialized countries*, it should be the rule to follow in Brazil and the printed reality these scenarios would serve as a model of inspiration for the same. It was also evident the emphasis on research that highlighted the concern for the physical and experimental studies, in contrast with other concepts that question and the way health practices were being experienced. The doctor's figure is highlighted denouncing the contradiction between Brazilian Legislation and practices in health that scenario in which justifies exercises with an emphasis on healing and the monopoly of knowledge. To connect the data collected in this research, in general, evidenced health notions linked to the absence of disease, the cult of physical health at the expense of completeness notion, the medical knowledge, the creation of categories linked to a normal pattern, the import of knowledge and the privatization of attention. The insistence we bringing these up issues, It is because we

believe that is in the micro policy we can practice the daily revolutions, for purposes of crave more equitable relationships and committed to the complaint of stagnation.

Keywords: Health; Science; Public Politics; Social Constructionism; Health Collective.

Sumário

Introdução	13
Artigo I: Construcionismo Social na Atenção Básica: uma revisão integrativa	21
Introdução	22
Método	24
Análise e discussão dos resultados	27
<i>Exercícios de cidadania - promoção de saúde nos espaços coletivos</i>	<i>28</i>
<i>Práticas em saúde – a superação de dicotomias e verdades absolutas</i>	<i>33</i>
Algumas considerações	37
Referências	39
Artigo II: Conceitos de saúde e cuidado na mídia impressa brasileira: uma análise do ano de 1990 sob a perspectiva do Jornal Zero Hora	46
Introdução	47
Aportes teóricos	50
<i>A saúde problematizada como conceito</i>	<i>50</i>
<i>O Construcionismo Social como dispositivo para problematizar instituições: saúde, mídia e ciência em questão</i>	<i>53</i>
Método	57
<i>Corpus da pesquisa</i>	<i>57</i>
<i>Procedimento para a coleta de dados</i>	<i>60</i>
<i>Procedimento para análise dos dados</i>	<i>66</i>
Análise e discussão dos resultados	67
<i>A Saúde Pública no ano de 1990 sob o enfoque do Jornal Zero Hora</i>	<i>67</i>

“Saúde no País está enferma”: tensões entre Estado e profissionais no processo de implantação do SUS	71
Com hospitais, tecnologia de ponta e conhecimento importado, se faz saúde	78
Já que a Saúde Pública não vai lá essas coisas, que tal um plano privado de saúde?	82
<i>O controle das massas: Epidemiologia, medidas curativas, preventivas e de promoção de saúde</i>	86
Infância, maternidade e medidas de controle populacional	88
A “Peste gay”: Sexualidade e a questão da AIDS	92
<i>O cuidado individualizado de si e a opinião dos especialistas: A estratégia neoliberal</i>	98
Algumas considerações	102
Referências	104
<i>Apêndice: notícias de capa</i>	115
Artigo III: Ciência e produção de sentidos: uma análise de produções acadêmicas brasileiras no contexto de publicação das Leis Orgânicas da Saúde	118
Introduzindo o assunto em questão	119
Método ou “modos de olhar para a realidade”	127
Um outro olhar sobre o que já foi dito: análise e discussão dos resultados	131
<i>Importação do conhecimento e comparação entre realidades: o conceito de Brasil Colônia nos discursos da saúde</i>	133
<i>Entre a crítica e o enfoque experimental/curativista: características de uma ciência fragmentada?</i>	138
Como se fosse possível concluir	145

Referências	147
<i>Apêndice: lista de artigos analisados publicados no ano de 1990.....</i>	<i>155</i>
Finalizando uma etapa... Deixando muitas perguntas: algumas considerações sobre o estudo	158
Referências	166
Anexo: documento de aprovação do projeto de pesquisa pela Comissão Científica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS	182

Introdução

“(...) como fabricar uma subjetividade processual onde tudo está bloqueado, paralisado, estratificado, num jogo de cartas marcadas”.

Félix Guattari

Início o texto que introduz minha pesquisa com uma frase que, a princípio, possa soar como pessimista. De fato, ao longo desses quase quatro anos de estudo, que consistiram na problematização da mídia e da ciência e do papel de ambas na produção de sentidos sobre saúde no cenário Brasileiro (Fischer, 1996; 2002; Foucault, 2002; Gergen, 2011; Medrado, 2000), percebo que há um forte embate vivenciado no Brasil, há mais de 20 anos, entre as cosmovisões neoliberais, totalitaristas e aquelas que exercitam a cidadania, a participação social, que denunciam a alienação e produzem subjetividades processuais, cambiantes, sempre por se fazer (Guattari, 1990; Guareschi, 2004). Nesta primeira cosmovisão, prega-se a lógica de Estado mínimo, da privatização do que é público, do corte nos investimentos sociais ligados, por exemplo, à saúde e à educação, da existência de sujeitos descolados do contexto social. Nota-se, no outro extremo, que caracteriza a segunda cosmovisão, que as práticas são exercitadas por intermédio do culto ao anonimato e à massificação, sem que se olhe para as particularidades das pessoas (Guareschi, 2004).

Em muitos casos, os embates entre essas cosmovisões, ao “marcar as cartas”, promovem a nítida sensação de que estamos predestinados/as a nascer, viver e morrer sem ter escolhas, sem poder contestar aquilo que nos é imposto. E esses embates, acredito, promovem práticas dicotomizadas, que não conseguem priorizar o que há de bom nas diferentes visões de mundo produzindo, a partir delas, outros modos de relação, sem desconsiderar as ideias de ambas. Neste sentido, Guareschi (2004) destaca a criação de uma terceira cosmovisão,

denominada de *Comunitarismo Solidário* que, ao levar em conta as potências de cada uma das anteriormente citadas, dá destaque à comunidade e a condutas solidárias, cooperativas e participativas. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que se consideram as particularidades das pessoas e o modo singular como se produzem em meio às relações, também reconhece que não construímos o mundo sozinhos/as e que necessitamos compreender que fazemos parte de um coletivo.

De fato, a leitura da frase de Félix Guattari (citada no início desta introdução) me deixa em uma posição desconfortável - e isso não significa indesejável, pois o desconforto pode gerar desacomodação -, o que me instiga a colocar em prática um fazer no qual eu consiga enxergar, de forma crítica e comprometida, que participo e construo esse mundo. Mas, aí, entra a desacomodação. Se, de fato, existe em mim a crença, inspirada neste e em tantos outros/as autores/as, de que atrelamos às coisas um *status* de “verdadeiro”, de “natural”, e que isso faz parte de uma construção social, então é possível acreditar que nossas concepções de verdade são mutantes e, por isso, podemos questionar nossas posições e provocar deslocamentos dos essencialismos e universais para as relações (Gergen & Gergen, 2010; Gergen, 2011; Iñiguez, 2004; Rasera & Japur, 2005; Spink, Brigadão, Nascimento & Cordeiro, 2014). E isso é muito bom, porque, em mim, tal ideia faz manter a crença de que nós, humanos/as, somos livres. Livres dentro de nossas limitações, levando em conta nossas relações, nossos vínculos. Mas livres!

Há poucos meses, ao ministrar uma aula de Psicologia Institucional (e aí destaco que o ato de “ministrar” não está diretamente relacionado a mim, enquanto professora, mas sim calcado na interação entre os/as alunos/as e eu, pois, frequentemente, percebo que o planejamento e a execução de todo esse processo se dá no coletivo e, portanto, o protagonismo está no grupo, e não no/a professor/a), algumas alunas trouxeram um conto para explicar as principais ideias dos analistas institucionais René Lourau e Georges Lapassade.

Nele, a autora – Marina Colassanti -, que o intitula *A moça tecelã*, faz uma analogia entre a construção das trajetórias de vida e a tecelagem. De uma forma poética e profunda, remete-nos a pensar a vida como um infindável tear, com o uso de linhas das mais diversas cores que, sem nos darmos conta, ora escolhem por nós, ora escolhemos. E somente quando nos damos conta disso, é que se torna possível escrevermos nossa história enquanto protagonistas dela, e não como meros/as reprodutores/as. Com este conto, mesclado com as falas inspiradoras das alunas, que muito me tocaram, dei-me conta da importância de estudarmos nosso passado, de olharmos para ele não como uma evidência, mas como uma série de fatos cujos sentidos podem se modificar com as diversas leituras que fazemos dele. Com este conto, percebi que a escrita sobre o passado nos brinda com outras perspectivas do presente, possibilitando mudanças em projetos e práticas sociais (Borges, 1993; Hobsbawn, 2013).

Ao perceber isso, também pude dar um novo sentido para as escolhas profissionais que fiz até aqui. Filha de professores (ela, por um bom tempo, de Educação Infantil e ele, primeiramente de Ensino Fundamental e Médio e, depois, de Universidade), minha trajetória sempre foi cercada pela crença de que a ciência era sinônimo de emancipação. Mas, ao ver minha mãe largar a docência e encorajar-se a viver outras coisas – e não apenas sonhar – passei também a ter respeito pelas outras formas de conhecimento, e me dei conta de que a ciência, como dizem muitos/as autores/as da Psicologia Social, é mais uma, e não a principal fonte de conhecimento e que, ao mesmo tempo em que pode libertar, também aprisiona, dependendo do modo como está articulada ao contexto e aos sentidos a ela atribuídos (Rose, 2008; Silva, 2004).

Ao entrar na faculdade (prestei vestibular para Psicologia, cursei por um tempo, quase desisti, passei a cursar Ciências Biológicas e, no fim das contas, formei-me em ambos os cursos) pude experimentar novas possibilidades, até decidir em seguir os meus estudos com base nas produções da Psicologia Social. Após a formatura, minha primeira experiência em

um grupo de pesquisa foi sob a orientação da professora Marlene Neves Strey. Naquele espaço, com uma orientadora extremamente próxima e acessível para o que eu demandasse enquanto mestranda, e com pessoas que eu não conhecia - afinal, vinha do interior do Estado, de uma cidadezinha chamada Frederico Westphalen, com pouco mais de 25 mil habitantes –, mas que estavam ali dispostas a colocar em análise alguma coisa, pude experienciar, através de conversas, relações de amizade, grupos de estudos e debates calorosos, os diversos caminhos que a Psicologia Social, no campo da pesquisa, poderia possibilitar. Não nego que, ao fazer parte de um grupo que problematiza as questões de gênero na contemporaneidade, também pude colocar em prática desejos fomentados por grandes mulheres que fizeram e ainda fazem parte da minha vida – como minha mãe, minha avó e tia – fortemente atrelados à problematização do lugar que ocupamos, historicamente, na sociedade (Colling, 2004). Mais uma vez, o estudo da história e a ressignificação do presente por intermédio dela faziam parte da minha pesquisa. E assim, ao tear, eu ia produzindo, (re)produzindo e ressignificando minha história.

Minha então orientadora sempre me incentivou a seguir os estudos e também a procurar novas fontes de conhecimento e novas temáticas a serem problematizadas. Foi quando, ao perceber que outras perguntas me instigavam, procurei a professora Helena Scarparo para dar prosseguimento às minhas indagações, agora nos estudos de doutorado. A recepção, sempre acolhedora e extremamente amorosa, presente em suas orientações, permitiu mais uma vez a construção de uma pesquisa amplamente atrelada à minha trajetória profissional e de vida, amadurecida a cada supervisão e a cada encontro com os/as colegas do grupo de pesquisa.

Lançamos assim a ideia de colocar em análise, por intermédio do Construcionismo Social, o modo como mídia e ciência produziam sentidos sobre saúde no ano de 1990, contexto em que se publicaram as chamadas Leis Orgânicas da Saúde, no Brasil (Brasil,

1990a; 1990b). Este era, e ainda é, um tema que muito me instiga, porque articula os trabalhos que desenvolvo na Universidade a qual sou vinculada, na condição de docente, com a linha de pesquisa de minha orientadora, naquela etapa da tese. Além disso, o desejo de estudar mídia e ciência enquanto instituições que, por intermédio de leis, normas, hábitos e regularidades de comportamento, produzem modos de vida (Albuquerque, 1971; Baremlitt, 2002; Lapassade, 1977), diz muito do meu interesse pela forma como a linguagem, carregada de sentidos, ganha vida, por intermédio desses espaços, na construção de modos de existir, atrelados aos interesses de uma pequena parcela da população (Íñiguez, 2002; 2004; Spink, 2010).

Os materiais que optei por analisar, neste estudo, foram os jornais publicados pela empresa Zero Hora e os artigos científicos inclusos na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, todos publicados no ano de 1990. A ideia era de poder problematizar conceitos de saúde nessas produções em um período da história nacional importante não somente para o campo da saúde, mas que, em termos constitucionais (Brasil, 1988), carregava a promessa de um Brasil mais comprometido com a promoção de cidadania e da democracia. Em um país marcado por uma longa repressão política (Habert, 1996; Paes, 1993; Rodrigues, 1992), cuja mudança na estrutura do Estado, em especial no campo da saúde, se deu pela reivindicação popular por melhorias na atenção, entendia fundamental a análise de materiais que, historicamente – em função do *status* que ocupam em nossa sociedade – mantêm as relações de dominação e o discurso atrelado, em muitos casos, a serviço daqueles de monopolizam a saúde, a educação, a cultura...

O recorte espacial e documental é, neste caso e, sem dúvida, entendido por mim como limitado, pois não dá conta da totalidade de todos os acontecimentos do ano de 1990. Entretanto, tomando as ideias de Guilhon de Albuquerque (1971), compreendo que toda a análise é parcial, incompleta. Isso porque nenhum/a pesquisador/a pode dar conta do campo de análise em sua totalidade e, tampouco, compreendê-lo desatrelado de suas concepções de

mundo. Neste sentido, todo recorte no campo da pesquisa é limitado, ligado às ideias e concepções de quem pesquisa e, portanto, jamais pode se constituir em uma verdade única, exclusiva. Reconhecer que não conseguiria dar conta de outras fontes para responder às minhas perguntas de pesquisa em função do tempo que tinha para realizar o estudo foi muito difícil, pois talvez eu carregue a herança dos/as cientistas que por muito tempo mantiveram a crença em uma ciência neutra e capaz de dar conta de responder todas as questões, a partir de todas as direções de seu objeto de estudo. Ao perceber que minha pesquisa não terminaria com o doutorado, mas que esta etapa só me daria subsídios para que eu pudesse dar prosseguimento para esse problema inicial de pesquisa me fez, de certo modo, amadurecer enquanto pesquisadora.

Com a saída da professora Helena do programa de pós-graduação, fui recebida novamente de braços abertos e com muito afeto pela minha antiga orientadora, professora Marlene, e por seu grupo de pesquisa, com alguns novos rostos e também com os familiares e antigos, que me fizeram retomar debates e acrescentá-los nesta pesquisa. Assim, pude dar prosseguimento aos meus estudos, agora sob a orientação da professora Marlene, e com o constante acompanhamento da professora Helena, sempre disposta a trocar ideias e permanecer revisando meus textos.

Destaco assim que minha tese não foi escrita somente por mim. Além de minhas orientadoras, sempre dispostas a me auxiliar, contei com as inspiradoras ideias de meu esposo, Ricardo, para acertar cada detalhe deste estudo. Muitas das questões que aqui desenvolvo partiram de conversas com ele, com meus familiares, alunas/os, colegas de profissão e amigos/as. Posso dizer ainda que a construção deste estudo não possibilitou apenas recontar o passado da saúde no país, mas também a minha história, afinal, faço parte desse contexto e, certamente, não estou saindo deste estudo do mesmo modo que entrei, afinal, ao tear, idealizei minha “obra de arte” de um jeito. Com o tempo, desfiz o trabalho,

recomecei e, no fim das contas, boa parte dele saiu de um jeito bem diferente de como foi pensado inicialmente!

Finalizando esta introdução, explico ao/a leitor/a que este estudo foi escrito, a partir daqui, na primeira pessoa do plural, pois entendo que muitas vozes se fazem presentes nas ideias explanadas e, portanto, não me atrevo e nem teria a pretensão de dizer que são única e exclusivamente de minha autoria. O uso da primeira pessoa também remete a um posicionamento ético-político, na medida em que reconheço minha implicação em meio ao estudo e, portanto, assumo que faço uso da ideia de autores/as aqui citados levando em conta a minha trajetória, o tempo histórico em que vivo e o lugar de onde parto para a discussão. Tal postura também foi encorajada pela banca de qualificação do projeto de tese, momento em que as contribuições das pesquisadoras me auxiliaram a assumir esse papel de autora e de pesquisadora, cuja trajetória de vida perpassa esta pesquisa.

Respeitando a sistemática adotada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, apresento esta tese a partir da explanação de três artigos. O primeiro, intitulado *Construcionismo Social na Atenção Básica: Uma Revisão Integrativa* fez parte da primeira etapa do estudo, e discute o uso, na contemporaneidade, das perspectivas adotadas pelo Construcionismo Social na Atenção Básica. O referido artigo será publicado no mês de setembro de 2015 na revista *Ciência & Saúde Coletiva* e, portanto, foi aqui apresentado considerando-se as normas da referida revista.

O artigo acima citado deu subsídios teóricos para o desenvolvimento dos demais estudos, intitulados *Conceitos de Saúde e Cuidado na Mídia Impressa Brasileira: Uma Análise do Ano de 1990 sob a Perspectiva do Jornal Zero Hora e Ciência e Produção de Sentidos: Uma Análise de Pesquisas Acadêmicas Brasileiras no Contexto de Publicação das Leis Orgânicas da Saúde*. Ambas as produções, assim como o restante desta tese (exceto o

primeiro artigo apresentado), encontram-se nas normas da *American Psychological Association* (APA), em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Para ambos os estudos, tomei como base as perspectivas do Construcionismo Social discutindo, no primeiro deles, os sentidos veiculados sobre saúde no *Jornal Zero Hora* no ano de 1990 e, no segundo, sobre os sentidos de saúde em artigos científicos publicados neste mesmo ano, presentes na íntegra na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde Brasil.

Saliento que, embora o estudo em questão não tenha tido a necessidade de passar por Comitê de Ética em Pesquisa, tendo em vista que se propõe a analisar materiais de domínio público, não deixa de comprometer-se com o cuidado com o uso de informações e com possíveis juízos de valor a ele impressos. Diante dos documentos, procuro me posicionar de forma crítica, sem deixar de reconhecer que os sentidos de saúde em tais materiais fazem parte de uma rede discursiva e que, portanto, não se trata de apontar tal *Jornal* ou tal cientista como produtor/a único/a de tal realidade, mas sim como parte de um contexto que permite a emergência de determinadas verdades que, por sua vez, materializam-se nestes espaços e vozes.